



EDUCAÇÃO

Dilemas Contemporâneos

VOLUME VI

LUCAS RODRIGUES OLIVEIRA | ORG.



Pantanal Editora

2021



Lucas Rodrigues Oliveira
Organizador

EDUCAÇÃO
DILEMAS CONTEMPORÂNEOS
VOLUME VI



Pantanal Editora

2021

Copyright® Pantanal Editora
Copyright do Texto® 2021 Os Autores
Copyright da Edição® 2021 Pantanal Editora
Editor Chefe: Prof. Dr. Alan Mario Zuffo
Editores Executivos: Prof. Dr. Jorge González Aguilera
Prof. Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

Diagramação: A editora

Edição de Arte: A editora. Imagens de capa e contra-capa: Canva.com

Revisão: O(s) autor(es), organizador(es) e a editora

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – OAB/PB
- Profa. Msc. Adriana Flávia Neu – Mun. Faxinal Soturno e Tupanciretã
- Profa. Dra. Albys Ferrer Dubois – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – IF SUDESTE MG
- Profa. Msc. Aris Verdecia Peña – Facultad de Medicina (Cuba)
- Profa. Arisleidis Chapman Verdecia – ISCM (Cuba)
- Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – UFESSPA
- Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo - UEA
- Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu – UNEMAT
- Prof. Dr. Carlos Nick – UFV
- Prof. Dr. Claudio Silveira Maia – AJES
- Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – UFGD
- Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva – UEMS
- Profa. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos – IFPA
- Prof. Msc. David Chacon Alvarez – UNICENTRO
- Prof. Dr. Denis Silva Nogueira – IFMT
- Profa. Dra. Denise Silva Nogueira – UFMG
- Profa. Dra. Dennyura Oliveira Galvão – URCA
- Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves – ISEPAM-FAETEC
- Prof. Me. Ernane Rosa Martins – IFG
- Prof. Dr. Fábio Steiner – UEMS
- Prof. Dr. Fabiano dos Santos Souza – UFF
- Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez (Colômbia)
- Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles – UNAM (Peru)
- Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira – IFRR
- Prof. Msc. Javier Revilla Armesto – UCG (México)
- Prof. Msc. João Camilo Sevilla – Mun. Rio de Janeiro
- Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales – UNMSM (Peru)
- Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski – UFMT
- Prof. Msc. Lucas R. Oliveira – Mun. de Chap. do Sul
- Prof. Dr. Leandris ArgenteL-Martínez – Tec-NM (México)
- Profa. Msc. Lidiene Jaqueline de Souza Costa Marchesan – Consultório em Santa Maria
- Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann – UFJF
- Prof. Msc. Marcos Pisarski Júnior – UEG
- Prof. Dr. Marcos Pereira dos Santos – FAQ
- Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla – UNAM (Peru)
- Profa. Msc. Mary Jose Almeida Pereira – SEDUC/PA
- Profa. Msc. Nila Luciana Vilhena Madureira – IFPA
- Profa. Dra. Patrícia Maurer

- Profa. Msc. Queila Pahim da Silva – IFB
- Prof. Dr. Rafael Chapman Auty – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke – UFMS
- Prof. Dr. Raphael Reis da Silva – UFPI
- Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo – UEMA
- Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca – UFPI
- Prof. Msc. Wesclen Vilar Nogueira – FURG
- Profa. Dra. Yilan Fung Boix – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – UFT

Conselho Técnico Científico

- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior
- Esp. Maurício Amormino Júnior
- Esp. Tayronne de Almeida Rodrigues
- Lda. Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E24	<p>Educação [livro eletrônico]: dilemas contemporâneos: volume VI / Organizador Lucas Rodrigues Oliveira. – Nova Xavantina, MT: Pantanal, 2021. 89p.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-65-88319-59-8 DOI https://doi.org/10.46420/9786588319598</p> <p>1. Educação. 2. Aprendizagem. 3. Gestão escolar. I. Oliveira, Lucas Rodrigues.</p> <p style="text-align: right;">CDD 370.1</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

O conteúdo dos e-books e capítulos, seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do(s) autor (es) e não representam necessariamente a opinião da Pantanal Editora. Os e-books e/ou capítulos foram previamente submetidos à avaliação pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação. O download e o compartilhamento das obras são permitidos desde que sejam citadas devidamente, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais, exceto se houver autorização por escrito dos autores de cada capítulo ou e-book com a anuência dos editores da Pantanal Editora.



Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000. Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br

APRESENTAÇÃO

A educação, tanto quanto a sociedade brasileira, vive um momento extremamente delicado, muito por conta da pandemia e de todos os seus reflexos – que se estendem a todas as esferas da vida das pessoas. Depois de mais de um ano com a vida alterada pela necessidade de distanciamento social e outras medidas para evitar o contágio do coronavírus, a sociedade brasileira parece não ver uma solução a curta prazo para todos esses problemas.

Nesse cenário de problemas sociais agravados pela pandemia, o sexto volume da obra “Educação: dilemas contemporâneos” contempla assuntos cruciais para a educação contemporânea brasileira, trazendo discussões e reflexões acerca do processo educativo nacional.

Os textos que compõem essa obra refletem, principalmente, sobre os seguintes temas: as possíveis relações entre Covid-19, o ensino a distância e as novas tecnologias no contexto das escolas públicas; a inclusão escolar de portadores da síndrome do espectro autista.

Ainda sobre a educação inclusiva, há textos sobre a questão da superdotação e genialidade. Um tema muito importante que será debatido nesse livro diz respeito às metodologias ativas, como ferramentas de apoio ao ensino e aprendizagem. Há ainda reflexões sobre a juventude brasileira.

Além desses temas listados, o sexto volume da obra “Educação: dilemas contemporâneos” contempla umas das principais discussões dos últimos anos da educação brasileira: o conflito entre as exigências da Base Nacional Comum Curricular – BNCC e a falta de uma política voltada para a formação pedagógica. Discute-se, também, a importância da literatura sergipana no ensino médio da escola pública.

Lucas Rodrigues Oliveira


SUMÁRIO


Apresentação	4
Capítulo I.....	6
Reflexões sobre a juventude Brasileira na perspectiva de São João Paulo II.....	6
Capítulo II	17
O conflito entre as exigências da BNCC e a falta de uma política voltada para a formação pedagógica aliada	17
Capítulo III.....	22
Superdotação e genialidade: Uma análise da biografia de grandes mulheres.....	22
Capítulo IV	40
Inclusão Escolar de Portadores da Síndrome do Espectro Autista sob a Perspectiva de Trabalhadoras de Creche.....	40
Capítulo V.....	57
COVID-19: o ensino EaD e as novas tecnologias no contexto das escolas públicas do estado de Goiás	57
Capítulo VI	73
A importância da literatura sergipana no ensino médio da escola pública.....	73
Capítulo VII.....	80
Metodologias Ativas: uma ferramenta de apoio ao Ensino/Aprendizagem.....	80
Índice Remissivo	88
Sobre o organizador.....	89

COVID-19: o ensino EaD e as novas tecnologias no contexto das escolas públicas do estado de Goiás

Recebido em: 15/03/2021

Aceito em: 16/03/2021

 10.46420/9786588319598cap5

Hélio Rodrigues dos Santos^{1*} 

Jair Reck² 

Rafael Barcelos Santos³ 

INTRODUÇÃO

A propagação do novo coronavírus (COVID-19) tem trazido para o campo epistêmico da educação escolar formal a busca por novas metodologias assistivas-ativas/significativas que possam possibilitar e potencializar a produção e reprodução de conhecimento frente ao novo contexto social em que o país se encontra. Pelo menos 85 países fecharam as escolas em todo o território, para conter a disseminação do novo coronavírus. A medida teve impacto em mais de 776,7 milhões de crianças e jovens, segundo a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) (Agência Brasil, 2019).

Com relação ao Brasil, visando diminuir os prejuízos, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) possibilitou substituições de disciplinas presenciais por aulas mediadas pelas novas tecnologias da informação e comunicação (TICs), objetivando manter o vínculo com o (a) educando(a), a realização de atividades pedagógicas e o cumprimento do calendário escolar (Ministério da Educação, 2020).

Com o fechamento das estruturas físicas, milhões de professores(as), juntamente com os (as) gestores(as) escolares, buscaram novas formas de adaptar à realidade, assim sendo, as enormes filas ao lado das escolas, as salas lotadas de estudantes, as cadeiras enfileiradas, quadro branco e, algumas vezes, projetor de multimídia abriram espaços para as chamadas via *WhatsApp* e os famosos *prints* (Allan, 2020).

Há de salientar que nem todos os educandos irão adaptar-se rapidamente, é necessário tempo e ação reflexiva, para direcionarmos a compreensão real das novas vertentes em educação. É possível perceber que o contexto digital enfrenta inúmeros problemas, principalmente na área rural, onde a conexão com a internet de qualidade ainda é um desafio. Entretanto, emergiu-se de um contexto de crise, a

¹ Universidade de Brasília (UnB).

² Universidade de Brasília (UnB).

³ Universidade de Brasília (UnB).

* Autor correspondente: rodrigueshelio75@gmail.com

incansável busca pelo protagonismo e pela autonomia do educando que, para Freire (1997), é o momento mais oportuno, onde o sujeito reinventa-se para compreender que o seu ato político faz sentido, e que o sentido da vida produz a sociedade.

A cultura digital, por muitas décadas, vem sendo discutida como material auxiliador no processo de aprendizagem. Assim sendo, em meio ao contexto que se apresenta a educação digital, torna-se um mecanismo real para produção e aquisição de conhecimento. Nas palavras de Dias (2016), a cultura digital é um conjunto de técnicas, informações-comunicações digitais/virtuais, pensamentos, estratégias, construção de valores individuais e coletivos que desenvolvem de acordo com a cultura e com o desenvolvimento social e estrutural. Nessa concepção de cultura digital, o coletivo constrói a nova relação social, na qual entramos como colaboradores, produtores, consumidores, disseminadores e compartilhadores, sendo tanto físico quanto simbólico.

Para Costa et al. (2016), as novas tecnologias da informação e comunicação (TICs) crescem a cada dia no mundo e no contexto escolar, assim sendo, na escola as TICs configuram-se como uma extensão das atividades digitais de casa, pois em casa, por mais que o acesso não seja pedagógico e voltado para fins escolares, os(as) educandos(as) encontram-se em comunidades virtuais, jogando ou teclando, conectando-se com o mundo.

Dessa maneira, o presente trabalho tem como objetivo compreender quais impactos a COVID-19 causou na estrutura pedagógica das Escolas do Campo, e quais as práticas/planos metodológicos os (as) professores(as) optaram para mediar a produção de conhecimento dos (as) educando(as).

Por conseguinte, o presente artigo divide-se em tópicos, em que o primeiro reflete sobre o novo coronavírus e aos novos alinhamentos pedagógicos, entendendo as tomadas de decisões e trazendo dados reais do referido estado de Goiás. O segundo tópico busca compreender como as escolas do campo estão se organizando perante os novos desafios, de acessibilidade digital e estrutural. O terceiro tópico busca uma reflexão crítica sobre o uso das novas tecnologias e a discussão relativa ao ensino remoto a distância das Escolas do Campo.

COVID-19 E A REINVENÇÃO PEDAGÓGICA DAS ESCOLAS PÚBLICAS

O coronavírus (COVID-19) é uma família de vírus que causa infecções respiratórias, pneumonia, mal-estar, febre, tosse e dificuldades de respirar. A mutação do (SARS-CoV2) foi descoberta na China a partir da última quinzena de dezembro do ano de 2019, após inúmeras manifestações similares à doença infecciosa, sendo conhecida pelo nome de COVID-19 (Governo do estado da Bahia, 2020). O primeiro ataque do vírus na China constatou-se em 1937, porém, apenas em 1970, o vírus foi especificado como coronavírus.

Em apenas dois meses, o vírus já havia contaminado na China aproximadamente 80 mil pessoas e levado a óbito 2.700. Não se demorou para alastrar-se, devido aos fluxos migratórios, falta de cuidado e inúmeras festas tradicionais, o vírus espalhou-se de forma exponencial. De acordo com o *site* MinhaVida (2020), o número de contaminados no mundo chega a aproximadamente 1.436.198, com 85.522 mortes, esses dados são registrados em 180 países. No que tange à realidade do Brasil, os primeiros casos oficialmente registrados ocorreram a partir do dia 25 de fevereiro de 2020. Após a chegada definitiva da COVID-19 no Brasil, as tomadas de decisões basearam-se em medidas de proteção, *lives* pedagógicas, acompanhamento em massa pela mídia, lockdown e isolamento social/vertical em diversos Estados e Municípios. A tomada de decisão pela Organização Mundial de Saúde, as decisões do STF e dos governadores contribuíram, de forma exponencial, para controlar o contágio e a propagação, como observamos no Gráfico 1.

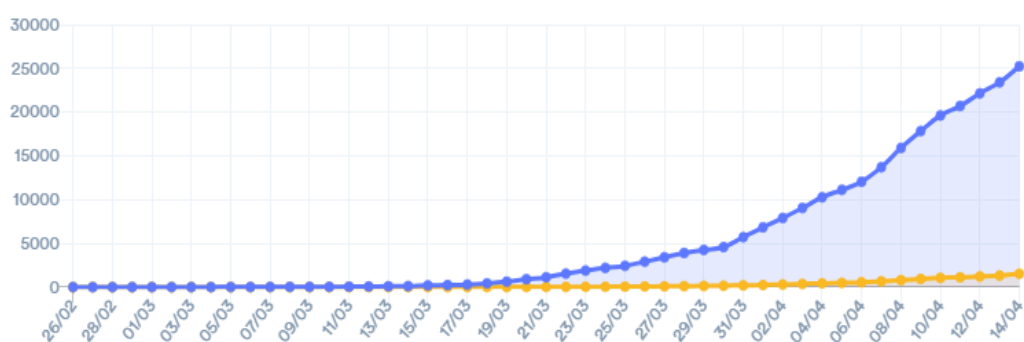


Gráfico 1. Curva de casos de Coronavírus cotidianos no Brasil. Fonte: <https://covid.saude.gov.br/>.

O isolamento social/vertical é uma ferramenta consciente e complexa de isolamento, que consiste em proteger-afastar interações/atividades voluntárias ou involuntárias com pessoas vulneráveis ao vírus (Pimenta, 2019). Com a discrepância de casos cada vez mais complexos, os poderes estaduais e municipais tomaram medidas frente ao combate da propagação do novo coronavírus. No que tange à escola, local de socialização e interação de atividades socioepistêmicas, um novo cenário apresentou-se mediante os novos rumos causados pela pandemia.

Nas palavras de Santos (2019), a escola não consiste apenas em prédios físicos e salas com cadeiras enfileiradas, ela, por sua vez, configura-se como espaço de assimilação, sistematização de conhecimentos com propósitos intencionais, organização didática, compreensão das práticas sociais e culturais construídas pela humanidade.

A escola deveria ser um local onde a efetivação das estratégias e recursos subsidiados pelo sistema governamental não deveriam faltar, entretanto, essa relação entre instituição-recursos-Estado (político-democrático de direito) não acontece efetivamente (Costa, 2018). Em meio a tantas crises internas e contraditórias vividas no Brasil e no mundo, a nova pandemia de COVID-19 estabelece o seguinte desafio

às escolas públicas do estado de Goiás: propor/ofertar aulas a distância, com fundamentos lógicos-pedagógicos ligados à realidade e à vida.

Tais dimensões desafiantes da atualidade podem ser justificadas, devido à ausência do (a) professor(a) físico(a), que desencadeia um papel social fundamental no processo de mediar o conhecimento até o sujeito. As novas relações indivíduo-educação-natureza-tecnologia estão em busca de reinvenções pedagógicas, e em meio a essas demandas, as tecnologias da informação e comunicação apresentaram-se como mediação para tal situação. Sartori (2018) realça que as novas tecnologias da educação apresentam um repertório educacional ilimitado, empreendendo uma roupagem pedagógica e inovadora capaz de mudar a metodologia e a didática, não reduzindo apenas a um conjunto de informações, mas configurando-se em um arsenal virtual/digital que constrói e reconstrói diversidade de conteúdo informatizantes.

A reinvenção pedagógica das escolas públicas encontra-se também na maneira pedagógica de universalizar/metamorfosear os conteúdos de todas as disciplinas a todos os (as) educandos(as) pertencentes ao sistema de ensino. Dias (2016) realça que um sistema educacional de qualidade é aquele que coloca o (a) educando(a) como centro de todas as tomadas de decisões pedagógicas, assim sendo, a centralidade assumida pelo (a) educando(a) é ressaltada por Freire (1987), como protagonismo, conscientização, prática de classe e a busca pelo fim do fanatismo destrutivo depositário. Com a nova situação interposta pela COVID-19, a escola viu-se esvaziando as salas de aula, o protagonismo e a didática, advindos do (a) professor(a), encontram-se descentralizados, criando uma nova relação entre conhecimento-mediador-tecnologia-estudante.

Freire (1996) destaca a educação como ponto de reinvenção e transformação social, ecopedagogia que não se conforma com o anarquismo político, de sujeitos manobráveis, bem adaptados e passivos. Para Freire (1996), é necessária a politização do sujeito, a indagação, a autonomia, a criticidade e a reflexão. Em meio à atual situação, o protagonismo juvenil e estudantil apresenta-se como ponto-chave para dar continuidade as atividades prático-metodológicas do sistema de ensino. O estudante, por sua vez, vai ter consigo o poder de não mais ser acorrentado pelo livro didático e pelo (a) professor(a) instrucional, a sua vontade e a sua relação autodidata vão definir o grau de criatividade, pesquisa e compreensão, em meio à construção do próprio conhecimento. Nesse sentido, o docente assume o papel de mediar, instruir e apontar singularidades, ofertando processualidades que não convertam apenas em transmissão de conhecimento, mas que materializem em pesquisa e produção sócio-históricas de si e da realidade, pois “ensinar exige liberdade, segurança, competência profissional e generosidade” (Freire, 1996).

Educador(a) sempre possuem um papel significativo na organização pedagógica do processo de ensino/aprendizagem. Nesse momento, pela necessidade do distanciamento social, maior criatividade é exigido, considerando que se abriu uma nova seara no campo epistemológico, outros espaços, que muitas

vezes no ensino tradicional não eram utilizados, e/ou sub utilizados (meios tecnológicos, ambiente da família e comunidade). Quiçá, uma oportunidade para dialogar sobre o sentido e significado de tais aprendizagens, que possam ser pautados. Já vai séculos de um modelo de educação que não propicia reflexão, compreensão das contradições presentes na realidade de quem estuda, muito menos produção de conhecimentos capazes de gerar ações transformadoras da mesma.

Amaral (2020), em entrevista ao “O Globo”, verbaliza que o ensino não deveria partilhar quadrados positivistas, mas, sim, competências e habilidades geradoras de conhecimentos, atitudes, valores e entre outras. Portanto, não apenas a reinvenção é necessária, mas a percepções social do estigma dogmático curricular pedagógico apresenta-se como possibilidades didáticas. A mudança qualitativa e as afeições interesaciais, em meio à crise mundial, amparam-se nos recursos das novas tecnologias da comunicação e informação. Cara (2020) entende que as tecnologias são um subsídio pedagógico que contribuem para a promoção de uma educação de qualidade, com rigor pedagógico e prático.

O USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS NA ESCOLA E OS SEUS IMPACTOS

As tecnologias da informação e comunicação vêm ganhando campo pedagógico no Brasil e no mundo há bastante tempo. Inúmeros questionamentos são construídos, com relação à didática, à aplicação, à familiarização e à inserção das TICs na sociedade e na escola. Cabe expor, ainda, que na década de 1990, pautavam-se apenas pelo manuseio do computador (ligar e desligar) e acesso à internet (pesquisa). Entretanto, esse contexto demonstra-se diferente nos dias atuais, inúmeros *megabytes* estão destinados à educação, como: plataformas on-line com conteúdo de diversos gêneros, jogos educativos, memória, arcade e entre outros encontram-se disponíveis e acessíveis para utilização e aplicação em sala de aula.

Nesse sentido, as novas tecnologias inserem-se na atualidade como ferramenta pedagógica para a obtenção de sucesso no ato de produzir e reproduzir conhecimento. Prestes (2017) realça que as tecnologias em sala de aula consistem em um conjunto organizado e sistematizado de conhecimentos diretivos, científicos, empíricos e intuitivos que possibilitam a construção e a reconstrução de dados socioculturais das relações, tecidas pela subjetividade humana. Para Dias (2016), as tecnologias/mídias, ao incorporarem no processo educacional, devem tomar caráter transformador, ultrapassando as fronteiras do tradicionalismo, fortalecer as culturas e valores locais, possibilitando ao educando a compreensão crítica-reflexiva, propondo de forma intrínseca uma abordagem do sentido que desperte no educando estímulo e desafios futuros.

O espaço escolar é o local onde a cultura digital impactou de forma positiva. De acordo com a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) (2017), a escola e a educação devem assegurar ao (à) educando(a) o desenvolvimento de competências e habilidades, conceitos e procedimentos, práticas cognitivas e socioeconômicas, valores, atitudes, imersão pedagógica e tecnológica, preservar a natureza,

inserindo-se no mundo do trabalho como cidadão justo, inclusivo e competente. É mister observar que as crianças e os adolescentes estão cercados cotidianamente de objetos tecnológicos. Para tanto, faz todo sentido que a escola também ofereça de forma significativa o acesso. A reflexão sobre tais usos, e a perspectiva de inclusão social necessária em ambiente educacional.

Não é distante afirmar que os (as) educandos(as) nasceram em meio à revolução digital: rádio, televisão, jornal, vídeos, internet, plataformas educativas e jogos que se resolvem apenas com um clique. A realidade que tanto se apresentava coesa e burocrática, agora abre espaço para o virtual, os conteúdos escolares que apenas eram possíveis em livros físicos, agora estão disponíveis na rede com milhões de linguagens e prontos para *downloads*. A prática educativa escolar nunca se viu tão impactada, a relação educador(a)-educando(a) horizontalizou-se, conteúdos podem ser compartilhados em questão de segundos, apresentações escolares podem ser realizadas via slides e, até mesmo, defesas de mestrado com participações via *Skype*. Ainda que essa realidade é muito desigual, chegando até mesmo inexistir em muitas comunidades, desde a periferia das cidades às escolas do campo.

Vivemos, hoje, sobre a forte influência da internet, das mídias, redes sociais, informações rápidas e sequenciais, compartilhamentos locais e internacionais. Para tais anseios, é necessária a utilização das tecnologias da informação e comunicação, de forma:

crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (Base Nacional Curricular Comum, 2017).

Para Dias (2016), inserido (a) em uma sociedade midiática e tecnológica, o (a) professor(a) assume o papel de mediador (a) das relações de produção de conhecimento. É preciso que os profissionais da atualidade desenvolvam competências complexas para que, assim, possam estimular novas atitudes, comportamentos, métodos e pedagogia (Lauxen et al., 2011).

Se por um lado existem educadores(as) que apresentam falta de letramento tecnológico, desatualizado(as), em meio à revolução tecnológica, por outro, muitos (as) educadores(as) “incorporam as novas tecnologias ao seu fazer, utilizando o *Twitter* como ambiente de debate, aulas de história com *Facebook*, ferramentas de busca do *Google*. O que nos permite questionar o status da função do (a) educador(a) para crianças e jovens na atualidade” (Dias, 2017). Visto isso, é importante enfatizar que o (a) educando(a) da atualidade não se apresenta inerte a realidade e nem as tecnologias, por isso, o (a) educando(a) desatualizado (a) e passivo (a) do ensino de antes, já não se compara com o da atualidade. A principal falta, é de políticas públicas no campo da formação docente e de propiciar equipamentos tecnológicos a toda comunidade de aprendizagem, além de laboratórios de todas as áreas de conhecimentos.

Nesse sentido, torna-se essencial elencar a cultura e as práticas sociais cotidianas do (a) educando(a), para criar um campo epistêmico de conhecimento horizontal, onde o campo-aprendizagem-cultura, problematizem a luz da suas realidades, e assim, à produção social de novas aprendizagens, que se busque não apenas ler e interpretar conhecimentos produzidos em outras realidades, que as contradições, histórias e memórias desde suas famílias, comunidades e territorialidades sirvam de base para o sentido e significado de tais aprendizagens, levando a uma superação dos problemas herdados. De acordo com a BNCC (2017), é necessário contextualizar os conteúdos e componentes curriculares, identificar, representar e apresentar conexões, interativas, colaborativas e significativas, com base na realidade e na vida do sujeito.

A tecnologia digital expande a cada dia, o conhecimento tecnológico-digital de informatização ultrapassa fronteiras, a inclusão digital tornou-se uma forma de interação humana, aprendizagem, convivência e socialização. A inserção das tecnologias não apenas figura o campo nacional, mas pedagogicamente internacional, o avanço cognitivo se apresenta para mudanças qualitativas, sendo porém, a necessária mediação pedagógica, que busca coletivamente o sentido emancipador do processo de aprendizagem.

ESCOLAS DO CAMPO: DESAFIOS E O ENSINO EAD

A maneira de pensar e construir processos de aprendizagem, desencadeada por professores(as) na atualidade, sofre inúmeros questionamentos, seja na Escola do Campo ou no perímetro urbano, independentemente da geoespacialidade, as situações epistêmicas, sócio-históricas, filosóficas e reflexivas encontram-se em larga escala, embasadas de forma tradicional. De acordo com Brasil (2013), a escola figura-se com dificuldades em propor conteúdos/propostas interdisciplinares interessantes para estimular, investigar e desafiar o (a) educando(a). Frente a essa realidade, é preciso considerar:

a relevância dos conteúdos selecionados para a vida dos (as) alunos(as) e para a continuidade de sua trajetória escolar, bem como a pertinência do que é abordado em face da diversidade dos estudantes, buscando a contextualização dos conteúdos e o seu tratamento flexível (Diretrizes Curriculares Nacionais, 2013).

As Escolas do Campo, historicamente, vêm enfrentando desafios estruturais, valorativos e sociais. Nas palavras de Moreno et al. (2015), existem hoje no Brasil aproximadamente 122.214 escolas em áreas urbanas e aproximadamente 67.604 escolas na área rural, totalizando 189.818 instituições de ensino básico. Porém, o cenário ainda é pior, pois, de acordo com o estudo do Jornal Brasil de Fato, realizado por Deister (2018), “de 2002 até o primeiro semestre de 2017, cerca de 30 mil escolas rurais no país deixaram de funcionar” (Brasil de Fato, 2018). O que ensejou o Movimento dos Trabalhadores (as) Rurais Sem Terra a desenvolverem uma campanha nacional, “Fechar escolas é crime”.

De acordo com o Instituto de Geografia e Estatística (IBGE) (2010), a população rural registrou 29.852.986 pessoas, representando 15,65% da população brasileira. Historicamente, a população do campo sofre inúmeros desafios com relação à educação de qualidade, que atenda à regionalidade e às suas especificidades. Há de salientar que as escolas do campo necessitam de um olhar diferenciado, pois os indicadores geoespaciais apontam que a população do campo se encontra prejudicada historicamente, pois o número de educando(a) é menor, o analfabetismo é exponencial, a formação dos profissionais, muitas das vezes, não condiz com a área de ensino, as instruções são precárias, o acesso à internet é limitado, as políticas públicas para o campo nem sempre são efetivas. Ainda que tenha havido avanços na formação superior voltada para as escolas do campo, especialmente na década de 2003 a 2013, muitos séculos de atraso, mais do que na hora de se voltar as lutas, buscar a garantia e melhoria de tais condições para a população que vive no campo, especialmente na agricultura familiar, grande responsável pela produção da maioria dos alimentos que a população brasileira põe a mesa todos os dias.

No que tange à esfera das políticas públicas e sociais no contexto das escolas do campo, figuram-se, efetivamente, as agendas políticas apenas na década de 1990, em virtude da pressão dos movimentos sociais. Tais aparições, tecidas pelas lutas, figuram-se na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) (1996), na qual insere-se no campo educacional um novo paradigma organizacional.

Art. 28. Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;

II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;

III - adequação à natureza do trabalho na zona rural (Lei de Diretrizes e Bases, 1996).

Há de destacar que o texto apresenta a opção pelas organizações escolares, ciclo, acessibilidade, permanência e adequação das práticas camponesas. Para Franciscato (2011), existe uma imensa lacuna na Lei de Diretrizes e Bases, uma vez que faz menção apenas a educação escolar, pois a subjetividade, conteúdos elencados a realidade e a diversidade identitária, a identidade camponesa, as crenças, os valores, os movimentos sociais negros, os movimentos LGBTQI do campo, as associações, as cooperativas, as instituições de pesquisas e entre outros setores não estão amplamente contemplados.

Nesse sentido, o papel da educação é promover compreensão-reflexão, conhecimento científico universal e local, capazes de transformar a realidade de forma qualitativa. Visando tais papéis relevantes e sociais, a educação digital entra em pauta, seja ela física ou a distância. Cabe ressaltar que a educação a distância (EaD) tem um marco no Brasil, nas palavras de Costa (2018), a educação a distância (EaD) emerge como maneira de oportunizar e promover acessibilidade a todos os sujeitos. Essa modalidade,

enquanto proposta curricular, não se desvincula das presenciais, assim, o indivíduo pode acessar em qualquer lugar mediado pelas novas tecnologias.

A EaD não é nova, Costa (2018) define que, desde 1930, a interlocução entre professor(a) e educando(a) já ocorria. Com o surgimento e a promoção do acesso à internet, a EaD difundiu-se e ganhou um maior campo pedagógico. A concepção de ensino a distância é marcada pela mobilidade do (a) educando(a), acesso em todos os pontos, verificação a qualquer hora do dia e acesso a diversos professores (as) instantaneamente. Quando tange para as áreas rurais, o ensino EaD pode não ter uma eficácia como já mencionada, devido ao frágil acesso da internet.

O ensino crítico-reflexivo/significativo torna-se necessário. Para tais anseios, as TICs tornam-se uma opção pedagógica, que estão inseridas na sociedade, e que vêm crescendo em seu campo de atuação. No atual século XXI, todo o campo da cultura digital e da cibercultura está de alguma maneira pressionando o campo pedagógico. De acordo com Dias (2016), realizar um trabalho pedagógico, elencado as novas tecnologias, ainda é um desafio para os (as) professores(as), necessitando, assim, um apoio formal e informal para o desenvolvimento de qualidade do(a) profissional, pois não é apenas a confiança que falta ou a busca por parte dos (as) educadores (as), ainda por parte deles existe uma certa resistência.

Nas palavras de Lauxen et al. (2011), os (as) professores(as) encontram um dilema/desequilíbrio em sua atuação pedagógica, por um lado o medo e a resistência de interiorização nas novas tecnologias, por outro, a perda de autonomia em sala de aula e a preparação de si. A atualidade está marcada de transformações sociais, políticas, conceituais e dimensionais, a nova retomada pedagógica e digital, os (as) professores(as) que, em muitas épocas, se tornavam centro, compartilham de forma interdisciplinar e transversal a forma de produzir conhecimento. As novas tecnologias inseriram-se na educação, não para perseguir aqueles que não apresentam letramento digital, apresentam-se como enfoque didático e metodológico abrindo campo de possibilidades de conexão com a realidade vivida pelo (a) educando(a) e pelos novos contextos sociais que muitos (as) presenciam fora da escola.

É mister, porém, que o poder público assuma a sua responsabilidade nos processos formativos, tanto inicial, quanto no continuado, invista recursos tecnológicos e melhoria nas carreiras de magistério, retirando dessa maneira, a responsabilidade de oferecer política educacional de qualidade nas costas da classe trabalhadora da área.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi desenvolvida, com base em cinco realidades de Escolas do Campo, na qual participaram a Escola Estadual Calunga III, a Escola Estadual Calunga II, a Escola Estadual Calunga V, a Escola Estadual Calunga I, a Escola Municipal Morro Encantado, que está inserida na Secretaria de Educação Quilombola do Estado de Goiás, na perspectiva qualitativa, pesquisa bibliográfica, entrevistas,

pesquisa de campo com professores(as). Partiu-se de um método que busca esclarecer, compreender e analisar paulatinamente as dimensões de causalidade e subjetividade, possibilitando o pesquisador permutar por diversas dimensões do objeto, verificando características contextuais/regionais e fenômenos qualitativos (Gil, 2002).

Para Silva (2015), a entrevista é constituída por um conjunto de sistematizações/indagações que permite interação e integração às percepções sociais do sujeito, possibilitando a interpretação real dos dados. As entrevistas semiestruturadas permitem o pesquisador dar liberdade ao pesquisando e captar as contradições existentes em meio às falas, tornando um ótimo instrumento de coleta para registrar as informações. No que tange à pesquisa bibliográfica, Gerhardt et al. (2009) apontam que é construída a partir de referências analisadas e publicadas, que tenham relevância e que possam ser encontradas por meios eletrônicos ou físicos, sendo eles periódicos, artigos, monografias, páginas da web, *sites*, dissertações e teses.

Dessa maneira, os procedimentos da coleta de dados, em primeira fase, consistiram na leitura e na compilação de materiais físicos e eletrônicos, para a ampliação do repertório linguístico, na qual embasou em pesquisa de *sites*, como: UNESCO, ANVISA, ONU, G1 e entre outras. Na segunda fase da realização do trabalho, realizou-se a entrevista com os (as) professores(as), com o objetivo de verificar quais as dificuldades, mudanças de percepções pedagógicas, desafios estruturais e de acesso à internet.

A entrevista ocorreu com 15 professores(as) de diferentes unidades escolares, as entrevistas foram estruturadas em quatro perguntas, sendo que as duas perguntas iniciais retratavam compreender como os (as) professores(as) organizaram a didática e qual o plano foi traçado para a realização do trabalho virtual, além de quais as percepções sobre a opção do ensino EaD. Nas últimas duas perguntas, buscou-se compreender quais os desafios os (as) professores (as) encontravam na estrutura do campo e qual o pensamento com relação ao protagonismo do educando em meio a pandemia do COVID-19.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A metodologia, adotada pela Secretaria de Educação do Estado de Goiás (SEDUC-GO) e pela gestão pedagógica municipal, buscou saídas emergenciais para realizar a continuação do ano letivo. Tais ações tomadas demonstram inúmeras vertentes, nas quais o contexto atual enfrenta uma mudança jamais vista na forma pedagógica. Assim, a primeira pergunta baseou-se na seguinte questão: em meio ao momento de crise em que passamos, o que você pensa sobre a opção metodológica tomada pela Secretaria? O que você pensa da educação EaD na Educação Básica, principalmente voltada para as Escolas do Campo?



Gráfico 2. Opinião dos (as) professores(as). Fonte: do autor, pesquisa “in loco” (2020).

De acordo com a fala dos (as) professores(as), 40% acreditam que os resultados positivos ou negativos apresentarão apenas após a intervenção dos órgãos externos, através dos índices de compreensão e internalização da aprendizagem dos (as) educandos(as). Entretanto, partindo de um olhar mais crítico e realista, essa metodologia adotada depende de uma parceria entre a escola, o (a) educando(a), o (a) professor(a) e a família. Portanto, não depende somente do quadro docente. No entanto, observa-se na resposta a velha lógica da métrica que vem de fora, ou seja, o metro curto, que não envolve a compreensão do estudo da realidade e das contradições que necessitam ser superadas pelo processo de aprendizagem coletiva enquanto escola que tem sentido e significado e incide sobre a territorialidade em que atua.

Em um outro contexto, 33% dos (as) professores(as) acreditam ser uma péssima estratégia, pois, segundo eles, “estamos vendo o despreparo da Secretaria para enfrentar crises como essas, está acontecendo na base do improvisado”. Uma das causas citadas pelos (as) professores(as) é no acesso à internet, mesmo estando em espaço urbano ou rural, possivelmente não ocorrerá uma integralização 100%. Para outros professores(as), “o poder econômico e o acesso à internet é menor, analisando a população do campo-quilombo-zonas rurais, mais de 30% dos estudantes não tem acesso à internet ou ao aparelho de conexão com a internet”. Mais uma vez percebem o problema, mas não identificam as causas históricas dessa desigualdade, nem conseguem nomear por isso mesmo, seus responsáveis, e das perspectivas de táticas e estratégias que possam assumir na busca de superação.

Nas palavras de Ramal (2020), a implementação desse sistema desenvolvera um ensino híbrido, o valor da sala de aula será ressignificado, ocorrerá uma interação entre o (a) professor(a) e o (a) educando(a) nunca antes vista, entretanto, todos esses elementos não garantem um bom desempenho, é preciso que exista uma sincronia mediante os sujeitos para que ocorra a real aprendizagem. Há que se considerar

justamente a questão emergencial da pandemia, o que revela mais uma vez o frágil preparo da classe trabalhadora na área educacional por parte do Estado brasileiro, bem como, suas condições de trabalho e dos estudantes.

Qual foi a didática adotada pelos (as) professores(as)? Na sua opinião funciona?

A didática é conhecida por ser uma arte de preceitos científicos, que não se resume apenas na transmissão, mas sim na produção de conhecimento. Esse processo pedagógico é conhecido como um campo investigativo, prática de ensino que tem por finalidade o entendimento das dimensões sociais e do mundo. De acordo com Tavares (2011), didática é uma prática social, articulada ao processo de ensinar e aprender, transformação social, área que busca promover democratização no processo de aquisição do conhecimento. Assim sendo, segue em análise as respostas dos (as) professores(as), com relação à didática apresentada para a realização das aulas, com mediação provida das tecnologias da informação e comunicação.



Gráfico 3. Opinião dos professores. Fonte: do autor, pesquisa “in loco” (2020).

De acordo com a fala dos (as) professores(as), a didática e a opção metodológica para produzir conhecimento encontraram-se variadas. Entretanto, os (as) professores(as) optaram por utilização de livro didático, textos impressos, questionários e entre outras situações. Na percepção dos (as) professores(as), mesmo que a modalidade seja dinâmica, nova e integrada à modalidade EaD, quando aplicada ao contexto das Escolas do Campo, o resultado pode tomar linhas diferentes, devido à falta de acessibilidade, chuvas frequentes, internet de má qualidade e o espaço geográfico onde as escolas estão situadas, pois há escolas onde os professores(as) deslocam 90km, para chegar à cidade.

As novas tecnologias têm um papel fundamental na EaD, pois permitem que o ensino seja de forma dinâmica, no entanto, nossos (as) educandos(as) não têm acesso a elas, daí vem o lado negativo dessa escolha de implantar a EaD nas Escolas do Campo. Os educandos das Escolas do Campo novamente têm um ponto de desvantagem, em relação aos (às) educandos(as) da cidade, os recursos de aquisição da aprendizagem são limitados e os (as) educandos(as) não poderão tirar as dúvidas que surgirem com os (as) professores(as) (Fala da professora).

Nesse sentido, nas Escolas do Campo, a opção metodológica adotada pelos (as) professores(as) ainda está cercada por esses desafios, uma vez que segundo uma outra professora: “A EaD como falta de outra alternativa suprirá com uma pequena parcela dos problemas educacionais [...] as aulas no campo precisam ser presenciais para haver aprendizado significativo”. A alternativa tomada pela SEDUC não agrada a todos (as) professores(as), pois acreditam que o trabalho não terá uma eficácia comparada as aulas presenciais. Dadas a análise dos dados e a opção metodológica, apresentam-se duas vertentes, uma com relação à didática e, a outra, à acessibilidade. Cara (2020) realça que os (as) professores(as) assumiram um papel fundamental, não apenas com o magistério, mas com a conectividade, suporte e interação pedagógica.

Na sua opinião, quais são os maiores desafios encontrados pelos (as) professores(as) do campo com relação à prática? Quais materiais pedagógicos funcionam?

De acordo com a fala dos (as) professores(as), os desafios são inúmeros, inicialmente a resistência por parte dos (as) professores(as), a dificuldade da gestão pedagógica escolar em alinhar a didática para imbricações tecnológicas e, ainda, a adaptação dos conteúdos pedagógicos, nos quais implicam formular questionários, materiais didáticos e entre outras situações. Para outros (as) professores(as) que atuam na cidade e no campo, os maiores desafios consistem na comunicação entre os (as) professores(as) e educandos(as).

No que tange aos professores(a), com relação à realidade do campo, os materiais impressos são mais eficazes, devido ao difícil acesso terrestre, à acessibilidade a internet e à logística que a própria Secretaria de Educação traça. De acordo com Santos (2020), não apenas o sistema educacional está reinventando-se, mas o (a) professor(a) também. O auxílio das novas tecnologias, aulas expositivas

transformadas em vídeos, áudios com explicações, ou seja, a trilha desenhada pelo (a) professor(a), em meio ao cenário pedagógico, a reinvenção pedagógica apresenta-se enquanto necessária. Importante observar que nos relatos não são apresentados materiais em forma de pesquisa, nem investigação a partir de problemas da realidade de estudantes e comunidade. Portanto, mudam-se as ferramentas pedagógicas, no entanto a instrução, o adestramento continua no ritmo das velhas celas de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como observamos, ao longo do trabalho, a propagação da COVID-19 contribuiu para metamorfosear a didática do campo educacional da educação básica. A escola, que sempre foi conhecida por ter inúmeros educandos(as), filas e carteiras, abriu espaço para uma nova abordagem pedagógica, baseada nas TICs. O avanço das tecnologias tem proporcionado uma nova forma da sociedade comunicar e interagir, construir conhecimento. Para Dias (2016), as novas tecnologias caracterizam-se pela sua ação virtual e processual, sendo a sua principal finalidade a informação.

Entendemos que, em meio ao processo de mediação pedagógica, o papel do (a) professor(a) é construir diálogos formativos, conhecer a realidade de estudantes e comunidade, o que possibilita problematizar, ainda que o possa fazê-lo coletivamente, pela pesquisa desvelar as contradições da realidade e juntos buscar a superação de tais condições historicamente construídas, serem capazes de promover mudanças significativas, reflexivas e críticas, mesmo que estando elas embasadas nas novas tecnologias.

Em um contexto geral, tanto as escolas rurais quanto as urbanas encontram dificuldade na sua lógica de construir conhecimento, uma vez que a acessibilidade, mas principalmente a eterna desconexão com a problemática da realidade em que estão vinculados estudantes e suas comunidades, é um dos fatores cruciais perante o cenário nacional e mundial. Furnaleta (2020) indica que a imersão das tecnologias nos processos pedagógicos vai ter maior aceitabilidade, e interatividade por parte da escola, ou seja, em meio a tais contextos, as TICs estão proporcionando vertentes até então inexploráveis por meio da escola e do currículo.

Há de preconizar que, em meio à crise, o protagonismo, a autonomia, o planejamento, a organização didática e o ritmo de estudo vão contribuir para a conquista de atributos do (a) educando(a). Entretanto, vale ainda pontuar que nenhuma tecnologia pode substituir o (a) professor (a), nesse momento, de mediador (a) das relações e interatividade mediante as tomadas de decisões. Em meio às reflexões tecidas no capítulo, uma relação intrínseca interdisciplinar aflora-se na pedagogia da compreensão, imbricação entre sujeito-conhecimento-tecnologia.

Dados da pesquisa apontam que, em meio à pandemia do coronavírus, as tecnologias da informação e comunicação tornaram-se uma ferramenta pedagógica de auxílio aos (às) professores(as). Uma outra situação que se desabrochou foi a acessibilidade, internet de qualidade frágil e comunicação

direta entre o (a) professor(a) e o (a) educando(a) que reside nas escolas urbanas e do campo. Ainda, cabe ressaltar que a nova situação proporcionou reflexão das tecnologias inseridas na educação e em sala de aula, a exploração da internet como forma de promoção e difusão de conhecimento significativo e a percepção do professor(a) em meio à sua prática.

Para finalizar, a presente reflexão aponta que nem todos os (as) professores(as) concordam com a tomada de decisão da Secretaria de Educação (SEDUC), porém compreendem que, mesmo sendo na base do imprevisto, a implementação da modalidade EaD foi a única saída para o ano letivo e não deixar as crianças ociosas em casa. Assim sendo, a reflexão consistiu em expor a opinião dos (as) professores(as) e a interação tecnológica/pedagógica na didática do (a) professor(a), de forma a potencializar a comunicação, a interação social, a ética e a visão de mundo.

Esse breve estudo demonstra a necessidade de políticas públicas comprometidas com a formação inicial e continuada da classe trabalhadora da educação de nosso país. Esse momento de imprevisto se dá, justamente pela precarização das condições materiais a que estão submetidos(as), baixos salários, falta de infraestrutura nas escolas e comunidades, portanto, mais do que urgente a necessidade de um projeto de educação que tenha compromisso com a emancipação social e cultural de nossas gentes, quer seja no campo ou na cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Allan L (2020). Como a tecnologia pode ajudar nossas escolas a vencer o coronavírus? Exame, 18 mar. 2020. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/blog/crescer-em-rede/como-a-tecnologia-pode-ajudar-nossas-escolas-a-vencer-o-coronavirus/>>. Acesso em: 25/03/2020.
- Bahia (2020). Governo do estado da Bahia. Secretaria de Saúde. COVID-19 (novo coronavírus): o que você precisa saber para se proteger. Disponível em: <<http://www.saude.ba.gov.br/temasdesaude/coronavirus/>>. Acesso em: 15/04/2020.
- Brasil (2020). Ministério Da Educação. MEC autoriza ensino a distância em cursos presenciais. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=86441>>. Acesso em: 25/03/2020.
- Brasil (2013). Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Conselho Nacional da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, DICEI. 542p.
- Brasil (2020). Ministério da Saúde. Covid-19: painel coronavírus. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 15/04/2020.
- Costa CS et al. (2016). Tecnologia na sala de aula em relatos de professores. Curitiba: CRV. 202p.
- Costa MTA (2018). Formação docente para a diversidade. 2. ed. Curitiba, PR: IESDE Brasil. 152p.

- Dias VC (2016). Ensinar e aprender em tempos de cultura digital. *Percurso Acadêmico*, Belo Horizonte, 6(12).
- Freire P (1987). *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire P (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Furnaletto A et al. (2020). Covid-19: especialistas discutem rumos da educação brasileira após fim do isolamento social. *O Globo*, 11 abr. 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus-servico/covid-19-especialistas-discutem- rumos-da-educacao-brasileira-apos-fim-do-isolamento-social-24364206>>. Acesso em: 14/04/2020.
- Generoso ASF et al. (2013). A cultura digital: uma realidade da educação? *Educ. & Tecnol.*, Belo Horizonte, 18(2): 38-49.
- Gerhardt T et al. (2009). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: UFRGS.
- Gil AC (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas.
- Lauxen G et al. (2011). Alternativas para o uso de mídias em escolas rurais multisseriadas: um estudo nas escolas de quinze de novembro/RS. Centro de Tecnologia Universidade Federal de Santa Maria (Trabalho de conclusão de curso de especialização), Panambi, RS. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/2552/Lauxen_Gisele.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 28/03/2020.
- Pino I et al. (2012). A cultura digital e a formação dos professores: uma questão em debate. *Educ. Soc.*, Campinas, 33 (121): 967-972. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302012000400002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26/03/2020.
- Prestes ICP (2017). *Tecnologia assistiva*. Curitiba, PR: IESDE Brasil. 114p.
- Sartori RV (2018). *Novos caminhos para profissionais da educação*. Curitiba, PR: IESDE Brasil. 156p.

ÍNDICE REMISSIVO

A

altas habilidades, 22, 36, 39
 aprendizagem, 4, 17, 18, 19, 20, 23, 27, 32, 33,
 34, 36, 41, 45, 49, 50, 53, 54, 58, 60, 62, 63,
 67, 69, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87
 significativa, 82, 84

E

ensino, 4, 17, 18, 19, 20, 22, 30, 31, 43, 44, 46,
 48, 49, 50, 53, 54, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 64,
 65, 66, 67, 68, 69, 71, 73, 74, 77, 78, 79, 81,
 82, 84, 85, 86, 87
 médio, 4, 22, 31, 46, 73, 74, 77, 78
 escola pública, 4, 73

F

filosofia, 6, 16

G

genialidade, 4, 22

I

importância da literatura, 4, 73
 inclusão escolar, 4, 40, 43, 44, 45, 48, 49, 50, 53,
 54

J

João Paulo II, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16
 juventude, 4, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16

L

literatura sergipana, 4, 73, 74, 75, 76, 78
 livros, 7, 8, 27, 29, 32, 33, 35, 36, 37, 62, 74, 77,
 78, 81, 82

M

metodologias ativas, 4, 81, 82, 83, 84, 86
 mulheres, 22, 26, 28, 32, 34, 35, 36, 37

P

personalidades, 26, 27, 36

S

sociedade, 4, 7, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 19, 22,
 25, 26, 27, 34, 35, 36, 37, 38, 53, 58, 61, 62,
 65, 70, 72, 77, 80, 81, 84, 90
 superdotação, 4, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 32,
 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39

T

teologia, 8, 16

SOBRE O ORGANIZADOR

  **LUCAS RODRIGUES OLIVEIRA**



Mestre em Educação pela UEMS, Especialista em Literatura Brasileira. Graduado em Letras - Habilitação Português/Inglês pela UEMS. Atuou nos projetos de pesquisa: Imagens indígenas pelo “outro” na música brasileira, Ficção e História em Avante, soldados: para trás, e ENEM, Livro Didático e Legislação Educacional: A Questão da Literatura. Diretor das Escolas Municipais do Campo (2017-2018). Coordenador pedagógico do Projeto Música e Arte (2019). Atualmente é professor de Língua Portuguesa no município de Chapadão do Sul. Contato: lucasrodrigues_oliveira@hotmail.com.



A educação, tanto quanto a sociedade brasileira, vive um momento extremamente delicado, muito por conta da pandemia e de todos os seus reflexos – que se estendem a todas as esferas da vida das pessoas. Depois de mais de um ano com a vida alterada pela necessidade de distanciamento social e outras medidas para evitar o contágio do coronavírus, a sociedade brasileira parece não ver uma solução a curta prazo para todos esses problemas.

ISBN 978-658831959-8



9 786588 319598

Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp)
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br